

Jovem faz análise para vencer horror a queijo

A estudante Ana Carolina Haller, de 21 anos, não sabe explicar como e por que surgiu sua fobia. Ela tem pavor de queijo. "Não posso ver e muito menos encostar num queijo", conta ela. "Derretido, eu até como, mas se estiver em pedaços eu saio correndo."

O que pode parecer bobagem para muita gente se tornou um problema para Ana Carolina. Sua família é de origem suíça. "Todo mundo adora queijo em casa", afirma. "Quando era pequena, meus tios jogavam queijo em mim e eu chorava."

Os anos foram se passando e o medo sempre presente. "Na adolescência começou a incomodar mais", diz Ana. "Se alguém comesse um pedaço de queijo não podia encostar em mim depois." Até hoje, queijo tem um lugar reservado na geladeira. "Não pode encostar em nada, senão eu não como, mesmo que seja o meu bolo preferido", diz. "Também não posso lavar louça que encostou no queijo."

Ana Carolina perdeu muitos jantares na casa dos amigos. "Se for queijo e vinho não adianta nem me convidar", avisa. Depois de dois anos de terapia, ela já consegue se controlar um pouco mais. "Só me faltava essa, com 21 anos ver um queijo e desmaiar."

Escuridão — O primeiro medo de Delta Maria Lopez Zanoni Teixeira, de 34 anos, surgiu

quando ela ainda era criança. Tinha pavor do escuro. Não conseguia pegar no sono se não tivesse ao seu lado pelo menos uma luz acesa. "Todo mundo ficava falando disso", lembra Delta. "Diziam que era mimo, frescura."

Delta não dormia fora de casa, muito menos viajava com amigos, com medo de gozação. Quando tinha 15 anos, teve sua primeira crise, durante uma aula de inglês. "Eu não podia assistir aula de inglês que passava mal", conta. Os sintomas eram sempre os mesmos: suava frio, sentia tremores e tinha que sair.

As crises de pânico passaram a ser frequentes. "Quando tinha 22 anos, só dirigia se tivesse alguém do meu lado", diz Delta. "Como nem sempre tinha alguém, deixei de dirigir." O mundo de Delta passou a ficar cada vez mais restrito. "É uma sensação muito esquisita", explica. "Só quem passa por isso é que sabe."

As crises continuaram. "Rodei por neurologistas, cardiologistas, fiz exames de diabetes, procurei homeopatia", lembra. "Tinha medo de elevador, de avião, de ir ao supermercado, de ficar doente." Há quatro anos, ela começou um tratamento com antidepressivos. "Comecei tomando três comprimidos de 25 mg por dia", conta. "Aos poucos, fui diminuindo." Agora ela se diz outra pessoa. "Passei a viver depois que comecei a tomar esse medicamento." (H.N.)